

Bebê tem lesões em 72% do corpo após reação alérgica grave, em GO

A pequena Helena, 1 ano, teve uma alergia grave a um medicamento anticonvulsivo. Atualmente está hospitalizada em Goiás, com lesões em 72% do corpo, que se assemelham a queimaduras de terceiro grau. "Corta o coração ver essa cena e não conseguir fazer nada", desabafou o pai, Hugo Cristiano, 38 anos, em entrevista exclusiva à CRESCER. Entenda

3 min de leitura

• SABRINA ONGARATTO

15 SET 2021 - 17H01 ATUALIZADO EM 15 SET 2021 - 18H25

O representante comercial Hugo Cristiano Penno da Silva Motta Bales, 38 anos, e a esposa, Luana, que moram em Anápolis, interior do estado de Goiás, vivem momentos de angústia desde o dia 2 de setembro, quando a única filha do casal, Helena, 1 ano, teve uma grave **alergia** a um medicamento. "O primeiro sintoma foi febre, indo e vindo. Dois dias depois, o surgimento de brotoejas", contou o pai, em entrevista exclusiva à CRESCER.

+ Menina de 9 anos precisa raspar a cabeça após cabeleireira fazer progressiva em seu cabelo sem autorização do pai

Segundo a família, as manchas na pele foram aumentando de tamanho e quantidade rapidamente, e Helena precisou

ser internada no dia 10. A menina foi diagnosticada com síndrome de Stevens-Johnson — uma condição rara, que causa reações de hipersensibilidade cutânea graves — , como resultado de uma reação alérgica a um medicamento anticonvulsivante. Atualmente, ela possui lesões em 72% do corpo, que se assemelham a **queimaduras de terceiro grau**. "Ela está se alimentando por sonda, pois essa síndrome machuca as mucosas também. Toda vez que ela se mexe, dói bastante. Mas está estável com medicamentos para aliviar as dores", disse o pai.



Helena antes e depois da condição que cobriu sua pele de lesões (Foto: Reprodução/Facebook)

Tratamento para convulsões

Recentemente, a pequena foi transferida para um hospital especializado em queimaduras. Segundo Hugo, a filha sofre com convulsões desde os 5 meses de idade. "Ela vinha sendo acompanhada por uma neuropediatra. Desde então, tomava anticonvulsivos para corrigir essas descargas neurais, que causam os espasmos. Ela começou com dois anticonvulsivos e um corticoide, com uma dosagem mais alta, mas fomos reduzindo com o tempo. Ela fazia exames com frequência, mas quando retiramos quase todos os medicamentos, apareceu um distúrbio focal, então, por orientação médica, iniciamos esse novo medicamento para corrigir o espasmo leve. Ela tomou durante três semanas e foi, então, que apareceram os sintomas", explicou.

A boa notícia é que a síndrome tem cura. "Assim que o medicamento sair totalmente do corpo, tudo volta ao normal. O tratamento consiste em **hidratação**, corticoide e tratamento das queimaduras. Mas ela poderá ter sequelas na pele, como manchas e, talvez, alguma marca mais visível, que precise de plástica futuramente. Mas isso tudo dependerá de como ela vai reagir ao tratamento", completou. "É difícil ver uma criança ativa, que estava aprendendo a caminhar, no estado em que está: amarrada à cama e toda queimada. Toda vez que entramos no quarto, ela olha nos nossos olhos e começa a chorar. Corta o coração ver essa cena e não conseguir fazer nada. Bate uma sensação de angústia e impotência", desabafou.



Helena está internada fazendo tratamento (Foto: Reprodução/Facebook)

Os pais organizaram vaquinhas e receberam doações para custear o tratamento da filha. "Foi muito bonito ver a colaboração de todos. Ficamos até sem palavras para expressar nossa gratidão. Conseguimos arrecadar o que precisávamos para o tratamento dela e estamos encaminhando-a para um dos melhores hospitais para tratar essa síndrome. Só precisamos agora de orações para que ela melhore, fique bem e logo vá para casa", finalizou. A família compartilha informações da pequena através de um [perfil no Instagram](#).

Sobre a síndrome

Segundo o pediatra Fausto Flor Carvalho, da Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP), a síndrome de Stevens-Johnson é uma reação alérgica muito grave na pele,

induzida por medicamentos. "São várias as medicações que pode causá-la, desde anti-inflamatórios, antibióticos a anticonvulsionantes. Normalmente começa com febre, uma dor com inchaço, inchaço dos olhos, que começam cerca de uma a três semanas após a exposição à droga. Cerca de dois ou três dias depois, a pele vai ficando avermelhada, as lesões vão se espalhando pelo tronco e face, podendo levar ao descolamento da pele. Por isso, o tratamento é praticamente o mesmo da queimadura. Apesar de parecer queimadura, trata-se de uma 'quebra' da pele. A pele vai sendo clivada, isto é, vai descolando", explicou.

O pediatra alerta que a condição precisa ser tratada com urgência. "Na maioria das vezes, é necessária internação, até mesmo em UTI. O paciente precisa ser hidratado e cada ferida deve ser tratada para que ocorra a cicatrização adequada", disse. Ainda de acordo com o médico, é mais comum entre crianças mais velhas e adultos com mais de 40 anos. Já a incidência é de 6 casos a cada 1 milhão de habitantes. "É bastante raro", finalizou o médico.